

42º Encontro Anual da ANPOCS

GT 23 – Pensamento Social no Brasil

**O ensaísmo no Brasil contemporâneo:
visões de um país em crise**

Fernando Perlatto

Caxambu, MG – Outubro/2018

O ensaísmo no Brasil contemporâneo: visões de um país em crise*

Fernando Perlatto**

O Brasil tem sido historicamente um território fértil para a imaginação ensaística. Desde sua hora inaugural, o ensaio se conformou como uma forma de produção intelectual que ganhou amplo espaço e difusão no país, contribuindo, em grande medida, para a conformação de um determinado imaginário sobre aquilo que somos e aquilo que devemos nos tornar, bem como para a difusão de repertórios e conceitos sobre a formação e a identidade do país, seus dilemas e seus principais desafios. Se no século XIX, os escritos ensaísticos de intelectuais como Visconde do Uruguai, Tavares Bastos, Joaquim Nabuco, André Rebouças e Euclides da Cunha, apesar de suas particularidades, estabeleceram temas, agendas e ideias que marcaram a produção intelectual brasileira não apenas naquele período, mas também nos anos seguintes – definindo “vertentes”, “famílias”, “matrizes” ou “linhagens” no pensamento social brasileiro (Santos, 1978; Werneck Vianna, 2004; Brandão, 2007) –, foi especialmente no período que se estende de 1920 até o início dos anos 1960 que a “índole ensaística” no país, nas palavras de Alexandre Eulálio (2013), se consolidou como um gênero privilegiado de inquirição e de interpretação da realidade brasileira.

Entre as décadas de 1920 e 1940 foram publicados ensaios seminais para o entendimento da formação da sociedade brasileira que solidificaram uma forma específica de imaginação sobre o país e a identidade nacional, a exemplo de *Populações Meridionais do Brasil* (Oliveira Vianna, 1920), *Retrato do Brasil* (Paulo Prado, 1928), *Casa Grande & Senzala* (Gilberto Freire, 1933), *Evolução Política do Brasil* (Caio Prado Jr., 1933), *Raízes do Brasil* (Sergio Buarque de Holanda, 1936), *Sobrados e Mocambos* (Gilberto Freire, 1936), *Formação do Brasil*

* Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla em curso sobre as relações entre cultura e política no Brasil no tempo presente. O autor agradece aos professores Bernardo Ricupero (USP) e Simone Meucci (UFPR) pela acolhida da proposta, bem como à professora Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa) pela oportunidade de diálogo.

** Doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ) e Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Contemporâneo (Caio Prado Junior, 1942) e *Instituições Políticas Brasileiras* (Oliveira Vianna, 1949). A partir da década de 1950 e nos anos iniciais de 1960, a produção ensaística passou a assumir um viés político mais evidente, com livros direcionados para a reflexão sobre temáticas como nacionalismo, imperialismo e subdesenvolvimento – a exemplo de *A Dualidade Básica da Economia Brasileira* (Ignacio Rangel, 1957), *O Nacionalismo na Política Brasileira* (Hélio Jaguaribe, 1958), *Os Donos do Poder* (Raymundo Faoro, 1958), *Introdução à Revolução Brasileira* (Nelson Werneck Sodré, 1958), *Ideologia e Desenvolvimento Nacional* (Alvaro Vieira Pinto, 1960) e *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (Celso Furtado, 1962).

Seria um equívoco caracterizar todos estes ensaios em uma perspectiva homog nea, como se a totalidade destas publica es pudesse ser interpretada a partir de uma chave analítica única. Como bem destacado por André Botelho, esta produ o ensaística não expressava “a organiza o e a atua o de um grupo de indivíduos/autores com interesses coletivos comuns programáticos e deliberados”, sendo, antes, marcada por particularidades relevantes, que acabaram sendo secundarizadas em estudos posteriores (Botelho, 2010, p.48). Contudo, ainda que reconhecendo as limita es analíticas no que concerne a generaliza es em rela o a esta produ o ensaística,   possível pensar em aspectos que aproximavam estas diferentes obras, permitindo pensá-las a partir de alguns marcos analíticos comuns.

De alguma maneira, esses livros compartilhavam elementos destacados por vários autores que procuraram refletir sobre a forma ensaio, que teria como uma de suas principais marcas a abordagem interdisciplinar; o caráter aberto e fragmentado, impreciso e impressionista, que se afasta da narrativa metódica e do rigor científico *stricto sensu*; o estilo pouco sistemático, livre e descontínuo, mesmo quando busca generaliza es; um gênero mais baseado na constru o de *insights* provocativos e imaginativos do que na busca de comprova es objetivas ancoradas em evidências empiricamente organizadas. Destaca-se, nesse sentido, a importância e a centralidade da “subjetividade” do autor na

narrativa ensaística, que pressupõe uma profunda relação entre sujeito e objeto na interpretação da realidade social.¹

Além destas características que conformam a forma ensaio, é interessante perceber que o ensaísmo no Brasil, de maneira geral, assumiu uma marca normativa muito particular, na medida em que diretamente interessado em participar e intervir nos debates públicos mais amplos sobre o país. Construir ensaios sobre o Brasil tem sido historicamente menos avaliar e construir um conhecimento “objetivo”, haurido dos fatos, e mais a construção de uma análise diretamente interessada na projeção do que deveríamos nos tornar enquanto nação. Nessa perspectiva, é possível sugerir que o gênero ensaio passou por uma espécie de aclimatação no país, adquirindo uma *vocação pública* muito evidente quando comparado com seus congêneres em outras geografias, fazendo dos ensaístas não apenas intérpretes do Brasil, mas também atores que tiveram como marca a formulação de análises que buscaram influenciar efetivamente nas disputas sobre o futuro do país.²

A despeito do ensaísmo ter sido um gênero de enorme importância para o pensamento social brasileiro, ele foi para o bem e para o mal, gradativamente, perdendo espaço como forma privilegiada de imaginação sobre a realidade social. Esta transformação pode ser explicada, entre outros fatores, pelo crescente processo de institucionalização nas universidades na área das humanidades impulsionado a partir da década de 1970, que teve como corolário uma notável especialização do conhecimento acadêmico, com o predomínio dos “especialistas competentes” (Chauí, 1983), em decorrência da afirmação de uma “agenda americana de pesquisa” (Werneck Vianna, 2004), cada vez mais interessada em temáticas e objetos recortados, que acabaram por deslocar para uma posição periférica os ensaios mais generalistas e impressionistas que buscavam pensar o Brasil.

Se, por um lado, é um equívoco afirmar que os ensaios desapareceram por completo – bastando pensar, nesse sentido, que um dos principais artificios da

¹ Para uma reflexão sobre o ensaio como forma, ver, entre outros: Adorno (1986); Wegner (2006); Barrento (2010); Starobinski (2012); Bense (2014); Lukacs (2014); Sullivan (2015); Duarte (2016).

² Sobre a vocação pública da intelectualidade brasileira, ver, entre outros: Werneck Vianna (2001); Rezende de Carvalho (2007); Perlatto (2016).

institucionalização das ciências sociais no Brasil, Florestan Fernandes, publicou em 1975 o seminal ensaio *A Revolução Burguesa no Brasil*³ –, não restam dúvidas de que o ensaio foi deslocado da posição desfrutava como gênero privilegiado para pensar o país, seus dilemas e seus desafios.

Nos últimos anos, contudo – e é esta a hipótese que procuro sustentar neste artigo –, tem-se testemunhado uma espécie de *retorno do ensaio como forma destacada de imaginação* sobre a realidade social brasileira. Para construir esta análise, o artigo está dividido em duas partes. Em um primeiro momento, buscarei refletir sobre possíveis explicações para este “retorno do ensaio”, destacando, por um lado, a importância de mudanças que ocorreram na própria conjuntura política do país e, de outro, a centralidade de transformações que se processaram no âmbito da esfera pública brasileira. Esses fatores foram fundamentais para que a imaginação ensaística pudesse reassumir sua legitimidade e sua posição de destaque como forma de reflexão sobre os problemas e os desafios do país.

Em um segundo momento do artigo, procurarei analisar as características mais substantivas deste “retorno do ensaio” no país. Para tanto, em um primeiro movimento, buscarei construir uma cartografia do ensaísmo no Brasil contemporâneo, a partir de um mapeamento de alguns ensaios produzidos em tempos recentes em três grandes áreas, a saber: ciências sociais, filosofia e psicanálise. Não se tem aqui qualquer pretensão de abordar a totalidade dos ensaios produzidos ao longo dos últimos anos, mas tão somente apresentar um mapeamento que contribua para sustentar a hipótese acerca do “retorno do ensaio” como forma de imaginação destacada para a inquirição da agenda brasileira no tempo presente. Em um segundo movimento, a título de conclusão,

³ Seria possível mencionar vários outros exemplos de livros ensaísticos publicados durante o processo de institucionalização das ciências sociais, a partir do final dos anos 1960, como a segunda versão de *Os Donos do Poder*, de Raymundo Faoro, publicado em 1975. Mesmo obras mais estritamente acadêmicas flertavam com a fórmula ensaio, inclusive no próprio título, a exemplo de *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica*, de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto. Além do fato de que várias obras publicadas nos anos 1970 preocupadas com a temática da modernização conservadora, ancoradas na sociologia histórica, traziam como marca um forte dimensão ensaística, a exemplo de livros como *São Paulo e o Estado Nacional*, de Simon Schwartzman (1975), *Capitalismo Autoritário e Campesinato*, de Otávio Velho (1975) e *Liberalismo e Sindicato no Brasil*, de Luiz Werneck Vianna (1976).

procurarei estabelecer algumas comparações entre o ensaísmo contemporâneo e o período “áureo” do ensaísmo no Brasil, entre os anos 1920 e 1960, com o intuito de analisar de que maneira este movimento de “retorno do ensaio” possui proximidades e diferenças em relação àquele momento.

Retorno ao “ensaio”: política e esfera pública

Os anos mais recentes foram marcados por mudanças profundas no Brasil. Se ao longo das últimas três últimas décadas, sob a égide da Constituição de 1988, o país parecia caminhar em direção a uma espécie de *Pax brasileira*, nos últimos anos, tudo parece ter sido revirado. A estabilidade monetária levada a cabo pelos governos FHC e as políticas de inclusão da era Lula, somadas ao aparente fortalecimento das instituições democráticas, conduziram muitos analistas a pensarem que o país estava a salvo de solavancos e mudanças bruscas, marchando – ainda que com a lentidão característica do nosso processo de modernização conservadora – no sentido do paulatino aprofundamento da democratização política e social do país.

As manifestações que tomaram as ruas em junho de 2013 acabaram por explodir as tensões então recobertas sob esta aparente *Pax* e, de lá para cá, o país entrou em um curto-circuito, que vai da crise econômica e da ampliação do desemprego até o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, passando pela Operação Lava-Jato e, especialmente, pela desintegração do sistema político. O tempo presente no Brasil tem sido atravessado por um travo amargo, como se algo que vinha se consolidando aos trancos e barrancos tivesse se despedaçado e o país caminhasse em velocidade cada vez maior rumo a uma crise aparentemente sem fim. Diante desse redemoinho de intensas e profundas transformações, o gênero ensaio ganhou novamente legitimidade como forma de inquirir criticamente um país disforme. A imaginação ensaística, justamente por seu caráter impreciso, aproximativo, imaginativo e pouco afeito às exigências metodológicas mais estreitas parece mais tarimbada e capaz no sentido de contribuir na tentativa de decifrar um país que se transforma de forma rápida e sem direção.

Seria um equívoco pensar que este é um processo exclusivo do Brasil. Em uma das últimas edições da revista *Serrote*, o romancista norte-americano Jonathan Franzen, em texto intitulado “Tarde demais para salvar o mundo?”, destaca de que maneira, em tempos de governo Trump, o escritor e o analista acabam sendo empurrados para o papel de ensaísta, na medida em que esta forma literária, justamente pelo fato de ser “algo que se arrisca”, algo “não definitivo, não dogmático”, ter mais condições de indagar um mundo fugidio, que parece rumar para o caos. Porém, ainda que este “retorno ao ensaio” possa ser testemunhado em outras partes do mundo, no Brasil, precisamente pela vocação pública que a forma ensaística historicamente assumiu por aqui, ela passou a admitir um papel ainda mais destacado como maneira privilegiada, embora não única, de lançar um olhar aproximativo para um mundo em permanente transformação.

A crise política e social vivenciada no país teve como uma de suas principais consequências a intensificação da politização da esfera pública cultural brasileira. Politização esta, vale ressaltar, que ocorreu também à direita do espectro político. Em relação à direita, não se trata apenas da intervenção mais destacada de intelectuais liberais no debate público – a exemplo de Gustavo Franco, Marcos Lisboa, Armínio Fraga e Samuel Pessoa – que ganharam ainda maior destaque na imprensa com as críticas às políticas desenvolvimentistas levadas à frente pelos governos do PT, em especial por Dilma Rousseff – explicitadas em livros como *Anatomia de um desastre*, de Claudia Safatle, João Borges e Ribamar Oliveira (2016) e *Como matar a borboleta azul*, de Monica Baumgarten de Bolle (2016) –, mas da participação mais destacadas de intelectuais, portadores de uma retórica mais virulenta, que se assumem abertamente de direita como Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo, Luiz Felipe Pondé, Rodrigo Constantino, Guilherme Fiuza, Marco Antonio Villa, Denis Lerrer Rosenfield, Diogo Mainardi, Rachel Sheherazade e Leandro Narloch.⁴

A presença destes intelectuais na esfera pública cultural se faz não apenas com a publicação de suas colunas em jornais de grande circulação do país, mas também na consolidação de um nicho específico do mercado editorial, que tem

⁴ Sobre os intelectuais da “nova direita” no Brasil, ver: Perlatto & Chaloub (2016).

se expandido significativamente. Hoje, basta entrar em qualquer livraria brasileira que se perceberá a presença nas prateleiras de um tipo de literatura abertamente de direita, com lugar de destaque para livros como como *O Mínimo que você Precisa para não ser um Idiota* (Olavo de Carvalho), *O País dos Petralhas* e *Objecções de um Rottweiler Amoroso* (Reinaldo Azevedo), *Esquerda Caviar*, *Privatize Já!* e *Contra a Maré Vermelha* (Rodrigo Constantino), *Lula é Minha Anta* (Diogo Mainardi), *O Brasil tem cura* (Rachel Sheherazade), *Não é a Mamãe* e *Que horas ela vai?* (Guilherme Fiuza), *Guia do Politicamente Incorreto da História do Brasil* (Leandro Narloch), *Pare de Acreditar no Governo* (Bruno Garschagen), *O Mito do Governo Grátis* (Paulo Rabello de Castro) e *A corrupção da inteligência: intelectuais e poder no Brasil* (Flávio Gordon).

A politização da esfera pública cultural no país tem sido acompanhada por um certo revigoramento, ainda que tímido e com limitações, do chamado “jornalismo cultural”, um dos espaços por excelência para a difusão de ensaios, justamente pelo fato de neste gênero não haver “compromissos a priori com codificações, sejam elas a linguagem jornalística ou a metodologia e o jargão universitário ou científico” (Pires, 2013, p.188).⁵ Se as últimas décadas testemunharam no Brasil a crise de várias revistas dedicadas à cultura e ao debate intelectual – como, por exemplo, o fim da impressão da revista *Bravo!*, que, posteriormente, acabou por ser recriada em formato virtual –, assim como ao fechamento de suplementos culturais importantes em diferentes jornais – como o caderno “Prosa e Verso”, no jornal *O Globo* –, os últimos anos têm, de outra parte, sido marcados por uma retomada do impulso da edição de produções dedicadas ao jornalismo cultural. Em tempos recentes, algumas revistas conseguiram se consolidar como espaços importantes nessa direção – a exemplo das revistas *Cult* e *Piauí* – e outras foram constituídas, com o intuito de abarcar a produção de textos mais ensaísticos, de crítica cultural e literária, com destaque para as publicações *Serrote*, *Peixe Elétrico*, *Quatro Cinco Um* e *Granta em Língua Portuguesa*, muitas delas, ressalte-se, diretamente inspiradas em congêneres

⁵ A cena intelectual brasileira possui uma importante tradição de “jornalismo cultural”, comprovada, por exemplo, na existência de importantes suplementos culturais de jornais como o “Caderno B”, do *Jornal do Brasil* e o “Suplemento Literário”, do *Estado de São Paulo*, ou em importantes revistas, como, por exemplo, *Klaxon*, *Clima*, *Senhor* e *Opinião*.

estrangeiras como *The New Yorker*, *London Review of Books*, *The Paris Review* e *The New York Review of Books*.

Soma-se a essa produção a ampla difusão de sites e blogs na internet que vêm contribuindo com a produção e a circulação de ensaios e resenhas literárias de temáticas diversas⁶. Além disso, há que se destacar que mesmo com a perda da importância do jornalismo cultural na “grande imprensa”, alguns jornais mantêm suplementos dedicados a reflexões de maior alcance, inclusive convidando cientistas sociais, economistas, filósofos e psicanalistas para debates sobre variadas questões contemporâneas, a exemplo do caderno “Ilustríssima”, da *Folha de São Paulo*, e o suplemento “Aliás”, do *Estado de São Paulo*. Ainda que o espaço reservado para esta produção intelectual seja reduzido, muitos dos textos publicados nesses suplementos, sobretudo aqueles de maior fôlego, adotam a forma ensaística como expressão, contribuindo para impulsionar a reflexão em torno de temáticas diversas.

O chamado “retorno ao ensaio” pode ser também testemunhado a partir da observação de outros acontecimentos importantes que tiveram lugar na esfera pública cultural brasileira. A Feira Literária Internacional de Paraty, por exemplo, dedicou parte substantiva da programação de sua edição de 2013 à temática ensaio, com a presença no evento de autores importantes deste gênero, como Geoff Dyer e Jeremiah Sullivan, impulsionando o mercado editorial brasileiro na publicação de livros sobre o tema. Merecem destaque também os esforços realizados por Adauto Novaes com seus ciclos de conferências que resultam em publicações de ensaios sobre temáticas diversas⁷ e a publicação por parte da Fundação Nacional das Artes (Funarte) da coleção *Ensaaios brasileiros contemporâneos*, organizada por Francisco Bosco e outros intelectuais, que reúne textos variados orientados pela imaginação ensaística em torno de áreas diversas, como psicanálise, política, artes visuais, filosofia e literatura. Esses

⁶ Vários sites e blogs poderiam ser aqui citados a título de exemplo, como o do Instituto Moreira Salles e da editora Boitempo, ou aqueles produzidos diretamente por cientistas sociais, a exemplo da *Revista Fevereiro*, do blog da revista *Novos Estudos Cebrap* e da *Revista Escuta*.

⁷ Adauto Novaes tem organizado diversos ciclos de palestras sobre a “mutação” do mundo contemporâneo, que resultam em coletâneas com ensaios escritos por diferentes intelectuais, a exemplo de Marilena Chauí, Maria Rita Kehl, Renato Janine Ribeiro, Eugênio Bucci, Renato Lessa, Marcelo Jasmin, Lilia Schwarcz e Vladimir Safatle. Mais recentemente, Novaes lançou o site *Artepensamento* (artepensamento.com.br), que procura ser um espaço virtual de reunião de ensaios produzidos sobre temáticas diversas.

elementos contribuem, em uma perspectiva mais ampla, no sentido de corroborar o argumento em relação à abertura de uma sensibilidade maior hoje no país para a produção e a circulação de obras com caráter mais ensaístico.

Retorno ao ensaio: cartografia, continuidades e rupturas

A politização da esfera pública cultural brasileira ao longo dos últimos anos impulsionou um notável movimento reflexivo, conformando um cenário marcado por aquilo que estou chamando de “retorno ao ensaio”. Esta reorientação de setores da imaginação brasileira em direção à forma ensaística pode ser observada em diferentes campos do conhecimento. Nesta seção, buscarei esboçar uma espécie de cartografia dessa produção intelectual. Como destacado no início do texto, não tenho a intenção de apresentar uma abordagem exaustiva e nem a pretensão de abarcar toda produção ensaística que tem sido realizada no país. A partir da análise de três grandes áreas – a saber, ciências sociais, filosofia e psicanálise –, buscarei sugerir algumas características que atravessam este ensaísmo no Brasil contemporâneo.⁸ Posteriormente, buscarei analisar de que maneira é possível buscar pontos de diferenciação deste ensaísmo contemporâneo com ensaios de interpretação do Brasil publicados entre as décadas de 1920 e 1960.

Na área das ciências sociais, este movimento de “retorno ao ensaio” pode ser verificado na produção de diferentes obras, que vêm procurando inquirir mudanças que se processaram na cena política e social brasileira ao longo dos últimos anos.⁹ É possível diagnosticar esse movimento na obra de diferentes autores que publicaram livros buscando compreender as características, as contradições, os avanços e os limites da primeira experiência do PT à frente do

⁸ Outras áreas poderiam ter sido escolhidas para a análise, como, por exemplo, a economia – como fica evidente nas obras ensaísticas de autores como Eduardo Gianetti (2018) e Laura Carvalho (2018) – e a literatura – que tem testemunhado também a produção de interessantes e potentes ensaios sobre o país elaborados por escritores, a exemplo de Nuno Ramos (2014) e Julian Fuks (2018). Porém, considero que o mapeamento da produção das áreas das ciências sociais, filosofia e psicanálise são suficientes no sentido de evidenciar este movimento forte da produção ensaística no Brasil contemporâneo.

⁹ É interessante perceber de que maneira este “retorno ao ensaio” na área das Ciências Sociais pode ser visto quase que como uma espécie de “retorno” das análises de conjuntura. Sobre o tema, ver: Perlatto & Sousa (2016).

governo federal, sob a presidência de Lula, com destaque para obras como as de Ricardo Antunes, *A Desertificação Neoliberal no Brasil* (2004), de André Singer, *Os Sentidos do Lulismo: Reforma Gradual e Pacto Conservador* (2009), de Rudá Ricci, *Lulismo: Da Era dos Movimentos Sociais à Ascensão da Nova Classe Média Brasileira* (2010), de Jessé Souza, *Os batalhadores brasileiros. Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora?* (2010), de Luiz Werneck Vianna, *A Modernização sem o Moderno: Análises de Conjuntura na Era Lula* (2011), de José de Souza Martins, *A Política do Brasil Lúmpen e Místico* (2011), de Ruy Braga, *A Política do Precariado. Do Populismo à Hegemonia Lulista* (2012), além da coletânea organizada, entre outros, por Francisco de Oliveira, intitulada *Hegemonia às Avessas. Economia, Política e Cultura* (2010).¹⁰

As manifestações que tomaram as ruas do país em junho de 2013, estabelecendo novos marcos e diretrizes para a conjuntura política brasileira, contribuíram no sentido de reforçar esta “virada ensaística” de muitos cientistas sociais, que construíram análises e reflexões interessadas em inquirir as razões daqueles protestos, bem como seus principais desdobramentos políticos e sociais. Diversas obras foram publicadas nesse contexto adotando uma forma ensaística evidente – inclusive muitas delas, é importante destacar, tratavam-se de coletâneas organizadas com textos publicados em jornais, blogs e sites da internet –, que buscavam, em meio e na sequência imediata das rápidas transformações em curso, conferir algum sentido aos acontecimentos, a exemplo dos trabalhos de Marco Aurélio Nogueira, *As Ruas e a Democracia. Ensaios sobre o Brasil Contemporâneo* (2013), de José Maurício Domingues, *O Brasil entre o Presente e o Futuro. Conjuntura Interna e Inserção Internacional* (2013), de Maria da Glória Gohn, *Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no Mundo* (2014), e de Ruy Braga, *A Pulsão Plebeia: Trabalho, Precariedade e Rebeliões Sociais* (2015).

A crise política que se acelerou no país após 2014, que levou à destituição de Dilma Rousseff da Presidência da República, também impulsionou diversas análises de caráter mais ensaístico, que buscavam tatear a direção dos

¹⁰ Para uma discussão mais detalhada sobre estas análises sobre o “lulismo”, ver, entre outros: Perlatto (2015).

acontecimentos. São exemplares nesse sentido os trabalhos *À Margem do Abismo: Conflitos na Política Brasileira* (2015), de Wanderley Guilherme dos Santos; *PT. Das Lutas Sociais ao PT no Poder* (2016), de José de Souza Martins; *Impasses da Democracia no Brasil* (2016), de Leonardo Avritzer, e a coletânea, organizada, entre outros, por André Singer, *As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?* (2016).

Na sequência imediata do processo que destituiu a presidenta Dilma, outras obras de caráter mais ensaístico foram publicadas, sejam elas de caráter coletivo – a exemplo de *Por que gritamos golpe?* (2016), com textos de autores como André Singer, Armando Boito Junior, Luiz Felipe Miguel e Ruy Braga; *A Resistência ao Golpe de 2016* (2016), contendo, entre outros, artigos de autores como Leonardo Avritzer, João Feres Junior e José Maurício Domingues; *República e democracia* (2017), organizada por Heloísa Starling e André Botelho –, sejam elas individuais, com destaque para os livros *A Radiografia do Golpe* (2016) e *A Elite do Atraso* (2017), de Jessé Souza, *A democracia impedida* (2017), de Wanderley Guilherme dos Santos, e *Esquerda: crise e futuro* (2017), de José Maurício Domingues.

Nos campos da filosofia e da psicanálise, verifica-se movimento semelhante ao se constatar a produção de várias obras orientadas para a reflexão sobre a crise política e social vivida no Brasil ao longo dos últimos, privilegiando uma abordagem mais ensaística. Entre os filósofos universitários, destacam-se trabalhos ensaísticos diversos que se debruçaram sobre as transformações recentes do país e seus impactos políticos e sociais, a exemplo das obras de Paulo Arantes, *O Novo Tempo do Mundo* (2013), de Marcos Nobre, *Imobilismo em Movimento. Da Abertura Democrática ao Governo Dilma* (2013), de Marcia Tiburi, *Como conversar com um fascista* (2015) e *Ridículo político. Uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto* (2017) e *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (2018), de Ruy Fausto, *Caminhos da esquerda* (2017), de Renato Janine Ribeiro, *A boa política. Ensaios sobre a democracia na era da internet* (2017), de José Arthur Giannotti, *Os limites da política. Uma divergência* (2017), e de Vladimir Safatle, *A esquerda que não teme dizer seu nome* (2012) e *Só mais um esforço* (2017).

É interessante perceber de que maneira parte significativa desta produção ensaística de filósofos tem ocorrido fora do circuito acadêmico, transcendendo os muros das universidades e transitando pela esfera pública mais ampla, impulsionando debates em torno de temáticas de enorme relevância, a exemplo da questão do “lugar de fala”. Exemplares nesse sentido foram as discussões que se seguiram à publicação em 2017 do livro do filósofo Francisco Bosco, *A vítima tem sempre a razão? Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro*, que suscitou debates acalorados, com recepções favoráveis e várias objeções. Também em 2017, a filósofa Djamilia Ribeiro publicou o livro *O que é o lugar de fala* (2017), que aborda o tema a partir de uma perspectiva distinta daquela proposta por Bosco, e, em 2018, Ribeiro lançou a obra *Quem tem medo do feminismo negro*, uma coletânea de pequenos ensaios voltados a refletir sobre a temática da discriminação contra as mulheres negras.

No caso da psicanálise, é notável o movimento crescente daquilo que Tales Ab’Saber (2018) chamou “da presença do psicanalista como intelectual público no tempo”. As rápidas transformações que tiveram curso no Brasil ao longo dos últimos anos, que conduziram a um cenário de esgarçamento do tecido social, resultaram em consequências de grande magnitude não apenas do ponto de vista sociológico, mas também subjetivo, individual e psíquico. Essa crise mais ampla impulsionou uma participação mais frequente e ativa de psicanalistas na esfera pública.

Nesse movimento de inscrição pública da psicanálise, a linguagem ensaística, ancorada em uma abordagem interdisciplinar, se conformou como um dos principais meios desta produção, como se pode verificar, por exemplo, nas obras de autores diversos, como Christian Dunker, *Mal estar, sofrimento e sintoma* (2014); Tales Ab’Saber, *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica* (2011); *Dilma Rousseff e o ódio político* (2015) e *Michel Temer e o fascismo comum* (2018); e Maria Rita Kehl, *Bovarismo brasileiro. Ensaios* (2018). A coletânea de ensaios intitulada *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico* (2018), organizada por Christian Dunker, Vladimir Safatle e Nelson da Silva Júnior, com textos de diferentes autores, é uma obra exemplar deste movimento intelectual que mobiliza a psicanálise, sob a forma ensaística, com o intuito de

inquirir o mal-estar no mundo, de modo geral, e no Brasil do tempo presente, em particular.

A intensificação da crise política vivida pelo país, articulada às transformações que ocorreram na esfera pública cultural, com sua crescente e destacada politização, impulsionaram um movimento de “retorno ao ensaio”, que ganhou contornos particulares em áreas como as ciências sociais, a filosofia e a psicanálise. Ainda que esta agenda intelectual de “retorno”, tal qual exposta na breve cartografia acima apresentada, não possa ser compreendida em uma chave única, isto é, como um movimento articulado e sistematizado, com apenas uma direção, ela vem se impondo como uma vertente importante para a compreensão de algumas das tendências mais relevantes do pensamento social no Brasil no tempo presente. A se observar a produção recente de variados cientistas sociais, filósofos e psicanalistas, fica evidente a busca em compreender de forma mais sofisticada os rumos da conjuntura atual do país a partir da imaginação ensaística.

Conclusão

Se durante alguns anos os ensaios no Brasil ficaram relegados a segundo plano como objetos de produção relevante do conhecimento e da inquirição sobre a realidade brasileira, em decorrência de abordagens que sustentavam a superioridade da forma científica, institucionalizada nas universidades, como mais habilitada para a compreensão do mundo social (Fernandes, 1977), ao longo das últimas décadas esta interpretação foi sendo cada vez mais questionada pela produção acadêmica. Diversos estudos desenvolvidos no âmbito do campo do chamado “pensamento social brasileiro” tiveram papel decisivo, por um lado, na problematização de um recorte brusco a separar “ensaio” e “ciência” no âmbito das ciências sociais do país, enfatizado certas continuidades temáticas entre o chamado “ensaísmo” e o período pós-institucionalização da disciplina (Lima, 1999); e de outro lado, na afirmação da legitimidade e das potencialidades do ensaio como gênero fundamental para a compreensão histórica da experiência social brasileira (Ricupero, 2007; Botelho, 2010).

Esta afirmação da legitimidade acadêmica do ensaísmo, contudo, não foi acompanhada no mesmo ritmo por uma produção efetiva de ensaios por parte da

inteligência brasileira, na medida em que a forma de produção acadêmica, pretensamente mais científica e objetiva, centrada no âmbito das universidades, foi se firmando como aquela mais habilitada no sentido de produzir conhecimento relevante sobre a realidade social. Ao longo dos últimos anos, contudo, este cenário tem passado por uma mudança significativa. Como procurei analisar ao longo deste artigo, as mudanças na conjuntura do país, com a conseqüente exacerbação da crise política e social, que tiveram como corolário a politização da esfera pública cultural, impulsionaram um movimento de “retorno ao ensaio”, em diferentes campos do conhecimento, com destaque para as ciências sociais, a filosofia e a psicanálise.

É interessante refletir de que maneira este novo ensaísmo possui pontos de diferenciação em relação aos ensaios de interpretação do Brasil publicados entre os anos 1920 e 1960. Nessa perspectiva, é possível destacar dois aspectos mais centrais, que permitem contrapor estes dois momentos da imaginação ensaística brasileira.

Em primeiro lugar, no que concerne à *inscrição dos intelectuais*, se no momento do “primeiro ensaísmo”, os escritores se concentravam majoritariamente fora das universidades – até mesmo em decorrência de seu incipiente processo de institucionalização –, no ensaísmo contemporâneo, a produção intelectual é quase toda ela gestada no mundo universitário, ou, pelo menos, dialoga com o linguajar e a reflexão produzida no âmbito da academia. Nesse sentido, é possível dizer que houve uma espécie de institucionalização universitária da produção ensaística, que, embora rompa com os padrões vigentes estrito sensu, ainda mantém vínculos estreitos com ela, seja do ponto de vista formal, seja do ponto de vista substantivo.

Uma segunda diferenciação importante entre o ensaísmo dos anos 1920 e 1960 e o ensaísmo contemporâneo diz respeito às *representações de Brasil* que aparecem nestes dois momentos. Se antes, a despeito das divergências, havia uma busca de uma representação de Brasil mais unificado, com preocupações muito centradas na temática da identidade nacional, no contexto atual, sobretudo após a crise política e social atravessada pelo país, houve uma espécie de explosão e de fragmentação desta ideia de Brasil. Os diferentes ensaios produzidos por cientistas sociais, filósofos e psicanalistas ao longo dos últimos

anos, apesar de suas singularidades, são atravessados pela preocupação no sentido de chamar a atenção para os aspectos que dividem e que provocam tensionamentos vários no país, sejam eles vinculados às desigualdades sociais, sejam eles vinculados às temáticas do reconhecimento das diferenças.

De todo modo, ainda que estes dois momentos do ensaísmo guardem particularidades, é factível dizer que eles se aproximam tanto na forma mais interdisciplinar, aberta, imaginativa e impressionista que caracteriza o próprio gênero ensaio, quanto na afirmação da *vocação pública* da tradição ensaística entre nós. Respeitadas as particularidades de cada um dos contextos analisados, os dois momentos do ensaísmo no Brasil convergem na busca da construção da reflexão de insights que procurem compreender o que somos como nação, nossas contradições, assim como os desafios colocados para o aprofundamento dos processos de democratização política e social do país.

Referências bibliográficas:

AB'SABER, Tales. "A psicanálise diante do quebra-cabeças inacabado do Brasil". Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/05/14/a-psicanalise-diante-do-quebra-cabeça-inacabado-do-brasil/>>. Acesso em 20 set. 2018.

ADORNO, Theodor W. (1986), "O ensaio como forma". In: COHN, G. (org.), *Theodor Adorno*. São Paulo, Ática, pp. 167-187.

BARRENTO, João. *O gênero intranquilo*. Anatomia do ensaio e do fragmento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2010.

BENSE, M. "O ensaio e sua prosa". In. *Revista Serrote*. IMS. No 16, março de 2014.

BOTELHO, André. "Passado e futuro das interpretações do país". *Tempo Social*. v. 22, n.1, 2010, p.47-66.

BRANDÃO, Gildo Marçal. *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo, Hucitec, 2007.

CARVALHO, Laura. *Valsa brasileira*. Do boom ao caos econômico. São Paulo: Todavia, 2018.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

DUARTE, Pedro. "O ensaio como narrativa". *Viso: Cadernos de Estética Aplicada*, v.17, 2016, p.188-199.

EULALIO, A. "O ensaio literário no Brasil". In. *Revista Serrote*. IMS. No 14, julho de 2013.

FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FUKS, Julián. "A ocupação". In: *Granta em Língua Portuguesa*. No.1, Maio de 2018.

GIANETTI, Eduardo. *O elogio do vira-lata e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

LUKACS, G. "Sobre a essência e a forma do ensaio: carta a Leo Popper". In. *Revista Serrote*. IMS. No 18, novembro de 2014.

PERLATTO, Fernando. Decifrando o governo Lula: interpretações sobre o Brasil contemporâneo. *Revista de Ciências Humanas*, v.15, 2015, p.256-272.

_____. *A Imaginação Sociológica Brasileira. A Sociologia no Brasil e sua Vocação Pública*. Curitiba: CRV Editora, 2016.

PERLATTO, Fernando & CALHOUB, Jorge. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. *Insight Inteligência*, v. 72, p. 24-41, 2016.

PERLATTO, Fernando & SOUSA, Diogo Tourino. "Interpretações do Brasil contemporâneo: cientistas sociais, conjuntura política e a democracia brasileira". In: *40º Encontro Anual da ANPOCS*. Anais do 40º Encontro Anual da ANPOCS, 2016.

PIRES, Paulo Roberto. "O lugar do ensaio no jornalismo cultural". *Revista ALCEU*, n. 27, p.185-190, julho de 2013.

RAMOS, Nuno. "Suspeito que estamos...". *Folha de São Paulo*, 28/05/2014, "Opinião", p.2.

REZENDE DE CARVALHO, Maria Alice. (2007), "Temas sobre a organização dos intelectuais". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 22, 65, pp. 17-31.

RICUPERO, Bernardo. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2007.

SANTOS, Wanderley Guilherme. *Ordem burguesa e liberalismo político*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

STAROBINSKI, J. “É possível definir o ensaio?”. In. *Revista Serrote*. IMS. No 10, março de 2012.

SULLIVAN, J. J. “Essai, essay, ensaio”. In. *Revista Serrote*. IMS. No 19, março de 2015.

WEGNER, Robert. (2006), “Um ensaio entre o passado e o futuro”. In: HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 335-364.

WERNECK VIANNA, Luiz. O” pensar e o agir”. *Lua Nova*, v. 54, São Paulo, p. 35-42, 2001.

_____. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2004, p.195-242.